relationship with discontinuing old practices and deconstructing the idea that school is covered with rationality. Our children and young people are reasoning, but also, emotion and affection. In this sense, playfulness can be a very important pedagogical instrument, allowing the teacher to achieve goals, the student to exercise his role, especially young children in early childhood education, whose language is play. Thus, theatrical games are experiences that allow discoveries, functioning as a playful resource for learning and development, with respect to the specificities of childhood. Therefore, the objective of this research is to discuss new possibilities of pedagogical practices with an emphasis on theatrical games and young children in early childhood education. As a result of exploratory readings on the theme and reflections on practice, the text aims to provide the reader with a reflection on the need to reinvent pedagogical practice without pretending to exhaust the subject.

REFERÊNCIAS

BIASI, Mari de. Ludicidade na educação infantil e series iniciais. Clube de autores, 2018 livro digital.

CAMPOS, Érica Costa Vliese Zichtl; VIEIRA, Sinai Boncompanhe. Brincadeiras e jogos teatrais: A importância de seu desenvolvimento no processo de inclusão e formação social em crianças com síndrome de Asperger. Londrina: 2013

ASSIS, Carla Pereira de; MELO, Gilcerlândia Pinheiro Almeida Nunes; Organizadoras. Nos trilhos das experiencias pedagógicas: Compartilhando experiencias. Clube dos autores

KOUDELA, Ingrid Dormien Koudela; SANTANA, Arão Paranaguá de; Abordagens Metodológicas do Teatro na Educação. Ciências Humanas em Revista - São Luís, V. 3, n.2 2005.

Menezes, Regiane da costa. Práticas lúdico reflexivas na formação de professores. Clube de autores. 2015.

OLIVEIRA, Maria Eunice de; STOLTZ, Tania; Teatro na escola: considerações a partir de Vygotsky. Educar, Curitiba, n. 36, p. 77-93, Editora UFP: 2010.

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. Trilhas de aprendizagens: brincadeiras e interações para crianças de 4 a 5 anos. – São Paulo: SME / COPED, 2020.

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. Currículo da cidade: Educação Infantil. – São Paulo: SME / COPED, 2019. il.

HISTÓRIAS E FÁBULAS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

GABRIELA GABRIEL SANTIAGO VIANA

RESUMO

Este artigo tem por finalidade apresentar a contribuição da contação de histórias para o processo de ensino-aprendizagem na Educação Infantil, bem como propor técnicas e meios do educador trabalhá-las em sala de aula. As histórias

representam indicadores efetivos para situações desafiadoras, assim como fortalecem vínculos sociais, educativos e afetivos. Além disso, as histórias devem proporcionar a formação do caráter e dar à criança perspectivas, mostrando um caminho onde elas possam se posicionar criticamente, avaliando sua realidade. Portanto, se faz necessário que os professores utilizem essa ferramenta para o desenvolvimento da criança, despertando pequenos leitores e estimulando para o mundo da imaginação.

Palavras Chave: Contação de História, Educação Infantil, Aprendizagem.

STORIES AND FABLES IN CHILD DEVELOPMENT

STORYTELLING IN THE LEARNING PROCESS

ABSTRACT

This article aims to present the contribution of storytelling to the teachinglearning process in Early Childhood Education, as well as proposing techniques and means for the educator to work them in the classroom. Stories represent effective indicators for challenging situations, as well as strengthening social, educational and affective bonds. In addition, stories should provide character formation and give the child perspectives, showing a path where they can critically position themselves, assessing their reality. Therefore, it is necessary for teachers to use this tool for the child's development, awakening small readers and stimulating the world of imagination.

Keywords: Storytelling; Child education; Learning.

INTRODUÇÃO

A arte de contar histórias sempre existiu e foi sendo passado de geração em geração pelas narrativas que avós e pais contavam para as crianças desde os primeiros resquícios na história dos seres humanos.

Hoje, vivemos em um tempo em que a mídia e as tecnologias estão cada vez mais acessíveis às crianças e cada vez mais cedo; as informações chegam pelos meios de comunicação ampliando os horizontes e os conhecimentos. Contudo, os livros têm sido deixados de lado, as histórias estão sendo esquecidas, o que torna um desafio para o educador fazer com que as crianças em idade escolar tomem gosto pela leitura.

A literatura pode fazer parte da vida de uma criança muito antes dela conhecer e ter habilidade para a leitura, para Freire (1994, p. 11), “a leitura do mundo procede a leitura da palavra”, dessa forma, a leitura está por toda parte, não apenas nos livros.

Assim sendo, entendemos que a hora do conto é um momento de grande importância para despertar o interesse da criança para a leitura e, assim, poderão desenvolver a criatividade e a imaginação contando histórias.

PERSPECTIVA HISTÓRICA

A contação de histórias é uma das atividades mais antigas de que se tem conhecido. Contar histórias e recitar versos constituem práticas da cultura humana

que antecedem o desenvolvimento da escrita. Na cultura primitiva, saber ler, escrever e interpretar sinais da natureza era de grande valor, pois mais tarde se tornariam registros pictográficos, com os quais seriam relatadas coisas do cotidiano que poderiam ser lidas e compreendidas pelos integrantes do grupo. As histórias são um meio mais significativo que a humanidade encontrou para expressar experiências que, nas narrativas realistas, não acontecem. Os contos são temidos porque objetivam os fatos e as verdades que não podem ser expressos pela razão, por conta disso nos estudos dos contos observa-se: "Em primeiro lugar, o fato de que eles falam sempre de relacionamentos humanos primitivos e, por isso, exprimem sentimentos muito arcaicos do psiquismo humano". (VIEIRA, 2005, p. 10)

No período do século XVII para o XVIII, o significado e o papel social da infância, bem como uma literatura adequada para esta instituição que foi criada apenas posteriormente, as crianças eram reconhecidas como pequenos adultos, possuidores de tarefas e cuidados semelhantes aos de um adulto, o que pode explicar a alta taxa de mortalidade infantil naquela época.

As primeiras produções infantis foram realizadas por professores e pedagogos no final do século XVII e durante o século XVIII. Coelho (2001) afirma que "estudar a história é ainda escolher a melhor forma ou o recurso mais adequado de apresentála". (COELHO, 2001, p. 31).

As histórias são uma forma mais significativa que a humanidade encontrou para expressar experiências que não acontecem nas narrativas realistas. A contação de histórias pertence ao campo da educação e à área das ciências humanas, mas também é uma atividade comunicativa. Por meio desta, o ser humano repassa costumes, tradições e valores capazes de estimular a formação do cidadão. Por isso, contar histórias é saber gerar um ambiente de encantamento, suspense, surpresa e emoção, em que o enredo e os personagens ganhem vida, alcançando tanto o narrador como o ouvinte.

A poder de imaginar permite que o ser humano crie uma habilidade de entendimento e compreensão de histórias ficcionais, pois nossa vida apenas é entendida dentro de narrativas. As histórias nos transmitem informações e abrangem nossas emoções. É por conta disso que algumas pessoas se sentem receosas ao trabalhar com crianças e jovens em desenvolvimento. A história tem uma função significativa na contribuição com a tolerância e o senso de justiça social, capaz de desenvolver novos rumos à imaginação, podendo ser eles bons ou ruins.

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real. (RODRIGUES, 2005, p. 4).

Contar histórias é imaginar um mundo além do que estamos acostumados em nosso cotidiano habitual, é tão somente se deslocar para um local de fan-

tasias e cheio de personagens distantes, mas, ao mesmo tempo, tão presente na nossa vida.

HISTÓRIAS E FÁBULAS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

As histórias narradas sempre acompanharam a vida do homem em sociedade. Por meio delas, foi possível a preservação da cultura. Por muito tempo, elas foram a única fonte de obtenção e transmissão de conhecimento. A narrativa é a arte de contar histórias que é tão antiga quanto o homem. A contação de história estimula a imaginação, descreve pessoas, lugares, acontecimentos, desejos e sonhos, impulsionando o processo da aprendizagem.

É característico dos contos de fadas colocar um dilema existencial de forma breve e categórica, simplificando todas as situações. Isso ajuda a criança a apreender o problema em sua forma mais essencial, pois uma trama mais complexa poderia confundir ou complicar o assunto para ela.

Segundo Bettelheim (2002), os contos de fadas começam a exercer seu impacto benéfico nas crianças por volta de quatros a cinco anos de idade. Podem ser contadas as histórias que os pais gostavam quando crianças ou demais que possam agregar valor para a criança.

Pode se dizer que os escritores mais famosos dos contos de fadas infantis são os Irmãos Grimm - Jacob e Wilhelm Grimm -, que fizeram e fazem muito sucesso até hoje com suas histórias e contos. Nascidos na Alemanha, os Irmãos Grimm dedicaram a sua vida ao registro das fábulas infantis e assim ganharam fama e popularidade para com as crianças. Além das belas histórias e das contribuições para o imaginário infantil, os Irmãos Grimm também contribuíram para a língua alemã com um dicionário e, contudo, desenvolveram um estudo mais aprofundado da língua e do folclore popular local. As maiores e melhores obras dos Irmãos Grimm são resumidas em contos e lendas para crianças.

Os contos para as crianças, na verdade, eram contos destinados aos adultos que, durante os anos, aconteceu que eles foram adaptados para o público infantil. Os Irmãos Grimm, na verdade, tornaram a fantasia acessível para as crianças. “Todos os contos de fadas dos Irmãos Grimm foram discutidos com respeito às origens de cada estória, suas diferentes versões em todo o mundo, suas relações com outras lendas e contos de fadas” (BETTELHEIM, 2002, p. 351).

Para Bettelheim (2002, p. 197), o conto de fadas é a cartilha com a qual a criança aprende a ler sua mente na linguagem das imagens, a única linguagem que permite a compreensão antes de conseguirmos a maturidade intelectual.

A palavra “fábula” origina-se do latim e significa “falar”. O gênero fábula apresenta características marcantes; tratando-se de breves narrações, onde os personagens protagonistas geralmente são animais que representam sentimentos e emoções humanas. Mesmo assemelhando-se às histórias infantis, as fábulas foram criadas inicialmente para serem contadas a adultos, com o objetivo de aconselhá-los e distraí-los.

A fábula é uma narração alegóri-

ca, cujos personagens são, geralmente, animais, e que encerra em uma lição de caráter mitológico, ficção, mentira, enredo de poemas, romance ou drama. Contém afirmações de fatos imaginários sem intenção deliberada de enganar, mas sim de promover uma crença na realidade dos acontecimentos. A fábula seria, portanto, uma narração em prosa e destinada a dar relevo a uma ideia abstrata, permitindo, dessa forma, apresentar, de maneira agradável, uma verdade que, de outra maneira, se tornaria mais difícil de ser assimilada. (LIMA; ROSA, 2012)

Conforme Fernandes (2001), fábula é um gênero que, como tantos outros gêneros narrativos, registra as experiências e o modo de vida dos povos. Seu objetivo é trazer reflexões quanto a valores, tais como respeito, diferenças, amizade, companheirismo, dentre outros.

Se tratando da moral nas fábulas, Góes (1991) afirma:

A moral contida nas fábulas é uma mensagem animada e colorida. Uma estória contém moral quando desperta valor positivo no homem. A moral transmite a crítica ou o conhecimento de forma impessoal, sem tocar ou localizar claramente o fato. Isso levou a pensar que essa narrativa da moralizante nasceu da necessidade crítica do homem, contida pelo poder da força e das circunstâncias. (GÓES, 1991, p. 144)

A fábula resume uma ação e sua reação, seguida do discurso que levará o leitor a refletir. Nem sempre se faz necessário haver mais de um personagem, uma vez que a ação e a reação de determinada situação podem estar se desenvolvendo na mente de um único personagem; assim, podem ser construídas por meio de diálogo, diálogo interior ou monólogo.

Há autores que consideram as fábulas como um método universal de construção discursiva, porém sempre haverá diferenças na forma como cada conjunto de indivíduos estrutura suas fábulas e seus elementos, ocasionando numa coleção cultural. As fábulas não iniciam com o famoso “Era uma vez”, como nos contos de fadas; todas as palavras são medidas, selecionadas e direcionadas ao seu objetivo.

As primeiras fábulas foram surgir em 1668, publicadas em “As fábulas” de Jean La Fontaine, que se utilizava desse gênero para retratar a situação social de sua época: misérias, desigualdades e injustiças. No Brasil, como fabulista pioneiro, temos Monteiro Lobato, que recontava as fábulas de La Fontaine e Esopo. Pode-se citar outros fabulistas brasileiros como Donaldo Schüler e Millor Fernandes, estes mais contemporâneos, que recriaram as fábulas de forma irônica, por meio de situações do cotidiano moderno.

Nas histórias curativas, a proposta da autora e médica Susan Perrow (2010) é trabalhar histórias terapêuticas para comportamentos desafiadores. As histórias curativas cativam os ouvintes e possibilita ao contador de histórias impulsionar a mudança de comportamentos inadequados em diferentes idades e procedimentos.

Segundo a autora, é importante ressaltar que as histórias não são pílulas mágicas com receitas para cada comportamento. Cada situação deve ser analisa-

da pelo contexto sociocultural, pois cada indivíduo é um ser único com comportamentos diversificados. A contribuição desse livro é permitir, através da imaginação, contar, criar e trazer possíveis transformações para a humanidade.

A arte de contar histórias transpassa gerações, atrai a humanidade por meio da imaginação a refletir sobre a própria vida e transformar comportamentos. As histórias podem ser lidas ou contadas, podem transformar ou curar; mas, para que isso de fato ocorra, se faz necessária a responsabilidade e a sensibilidade para saber contá-las.

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA ROTINA ESCOLAR

A prática da contação de histórias está cada vez mais presente na unidade escolar. Por vezes se desenvolve a partir do planejamento do professor, pode também a escola recebe a visita de um contador, ou ainda ela permeia os espaços culturais, tais como feiras do livro. O educador, através de sua formação, tem contato com diversas possibilidades de integrar a literatura em sua aula. Diversos teóricos abordam a questão da importância dos textos literários na escolarização.

O ato de contar histórias deve ser utilizado na atmosfera escolar, não apenas em seu caráter lúdico, muitas vezes exercitado em situações estanques da prática, como a hora do conto ou da leitura, mas fazer parte da sala de aula como metodologia enriquecendo a prática docente, ao mesmo tempo em que promove conhecimentos e aprendizagens múltiplas.

Conforme pesquisa bibliográfica, é notório que a contação de histórias pode e deve ser usada como metodologia para o desenvolvimento dos alunos e de sua personalidade, aprimorando de forma significativa o desempenho escolar.

Na maioria dos casos, a Escola acaba sendo a única fonte de contato da criança com o livro e, sendo assim, é necessário estabelecer-se um compromisso maior com a qualidade e o aproveitamento da leitura como fonte de prazer. (MIGUEZ, 2000, p. 28).

Muitos teóricos abordam sobre a importância dos textos literários na escolarização. BETTELHEIM (2000) ressalta a importante e difícil tarefa na criação das 67 crianças, a qual consiste em ajudá-las a encontrar significado na vida. Em primeiro lugar, o autor aponta o impacto dos pais nessa tarefa; e, em segundo lugar, cita a herança cultural transmitida de forma correta: “Quando as crianças são novas, é a literatura que canaliza melhor este tipo de informação”. Quanto à leitura em si, ele acrescenta: “A aquisição de habilidades, inclusive a de ler, fica destituída de valor quando o que se aprendeu a ler não acrescenta nada de importante à nossa vida”.

(BETTELHEIM, 2000, p. 12).

Para que a história seja de fato relevante e envolvente para as crianças, o educador precisa considerar certos aspectos, tais como não possuir vícios de vocabulário, ser criativo, saber utilizar expressão corporal e facial, e trabalhar bem a entonação de voz, a criatividade e a imaginação.

Outrossim, outros recursos podem ser utilizados, como fantoches, máscaras,

desenhos, dobraduras, instrumentos musicais, materiais reciclados, entre outros. Não é necessário saber tocar nenhum instrumento, conforme Garcia et.al. (2003), pois somente o toque pode remeter a algum som da natureza ou de um animal. Todavia, é preciso saber fazê-lo com cuidado, sem exageros, sendo inseridos de forma gradativa durante a narração.

A escola, dia após dia, acaba que perdendo seu papel de estimuladora da literatura para seus educandos, o uso de livros paradidáticos já não é mais contínuo. A citação de Maciel (2010) se faz oportuna para uma reflexão, já que o autor defende a ideia de que o espaço da literatura em sala de aula, além de expor a obra e aprimorar percepções, também é uma forma de enriquecer o repertório discursivo dos alunos, sem temor à análise literária. Pois, "longe da crença ingênua de que a leitura literária dispensa aprendizagem, é preciso que se invista na análise da elaboração do texto, mesmo com leitores iniciantes ou que ainda não dominem o código escrito". (MACIEL, 2010, p. 59).

É estimulando as crianças a imaginar, criar e se envolver que se dá um grande passo para o enriquecimento e desenvolvimento da personalidade como indivíduo, por isso é de suma importância o conto; além disso, a contação de história pode interferir positivamente para a aprendizagem significativa, pois o fantasiar e o imaginar antecedem a leitura. Por meio da contação de histórias, a leitura é utilizada como metodologia para o desenvolvimento de cada indivíduo e impulsiona de seu bom desempenho escolar, respondendo a necessidades afetivas e intelectuais através do contato com o conteúdo simbólico das leituras trabalhadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento infantil se faz num processo originado pela própria criança a partir das interações que vivencia, portanto, a literatura infantil, especialmente a contação de histórias na Educação Infantil e Ensino Fundamental I, como atividade interativa e pedagógica mediada pelo educador contribui positivamente para este desenvolvimento.

A história permite o contato das crianças com o uso real da escrita, levando-as a conhecerem novas palavras, a discutirem valores como o amor, família, moral e trabalho, e a usarem a imaginação, desenvolver a oralidade, a criatividade e o pensamento crítico; atuam na construção de identidade do educando, seja esta pessoal ou cultural, aprimoram os seus relacionamentos afetivos interpessoais e abrem caminho para novas aprendizagens nas mais diversas áreas e disciplinas escolares, pelo caráter motivador da criança.

Sendo a escola um lugar de construção e reconstrução de conhecimentos, deve haver uma atenção especial à contação de histórias, pois esta contribui na aprendizagem escolar em todos os aspectos: cognitivo, físico, psicológico, moral ou social; proporcionando um maior e melhor desenvolvimento perceptivo no aluno.

Contudo, é observada a importância das histórias na escola, considerando o fato de ela proporcionar o desenvolvimento da motricidade, do raciocínio, o fortalecimento da autoestima, além da função lúdica. Visto a relevância da contação de histórias na escola, é importante a